

‘Economist’ pede voto na oposição e petista reage

Revista britânica apoia Aécio; Dilma afirma que publicação representa sistema financeiro

ELEIÇÕES 2014

Stefânia Akel
José Roberto Castro

Em editorial publicado ontem em sua edição impressa, a revista *The Economist* defendeu a eleição do candidato do PSDB à Presidência, Aécio Neves, e afirmou que seu desafio se tornou mais difícil em uma campanha “marcada pela tragédia” e “dramática como uma telenovela brasileira”.

Segundo a publicação britânica, quando Dilma Rousseff (PT) foi eleita, em 2010, o Brasil parecia prestes a aproveitar todo o seu potencial, mas, na gestão petista, a economia estagnou e o progresso social desacelerou. “Excluindo a Rússia, atingida por sanções, o Brasil tem de longe o pior desempenho dos Brics”, afirma a revista, referindo-se ao gru-

po formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul.

O editorial diz que Dilma continua sendo a favorita para vencer o pleito de 26 de outubro. “Isso ocorre principalmente porque os brasileiros ainda não sentiram o arrepio econômico em suas vidas – apesar de que, em breve, sentirão”, diz a revista, argumentando ser “vital” que Aécio seja bem-sucedido e realize reformas que “vão beneficiar em vez de prejudicar” os brasileiros.

A *Economist* diz que as realizações sociais de Dilma são “conquistadas reais”, mas destaca que as falhas são maiores, embora menos palpáveis, tanto econômica quanto politicamente, e argumenta que o País está tendo mais dificuldades do que seus vizinhos da América Latina. “As constantes interferências de Dilma nas políticas macroeconômicas e as tentativas de gerir o setor privado fizeram os investimentos caírem”, afirma o editorial, acrescentando que a petista “prejudicou”



Em São Paulo. A presidente Dilma comentou o editorial da revista durante entrevista coletiva

a Petrobrás e a indústria do etanol. “O escândalo na Petrobrás destaca que é o PT, e não seus oponentes, como alega Dilma, que não podem ser confiados com o que já foi uma joia nacional”, diz a revista. “E o pior é que Dilma, que não tem o toque político de Lula, não mostra sinais de ter aprendido com seus erros.”

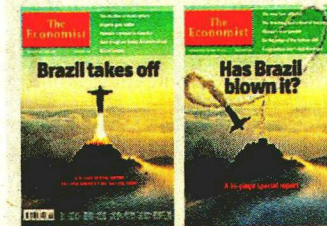
Para a *Economist*, as políticas de Aécio beneficiariam os brasileiros pobres, assim como os mais ricos. “Ele promete colocar o País de volta no caminho do crescimento econômico. Seu histórico, assim como o de seu partido, torna isso crível”, sustenta, argumentando que a maior ameaça aos programas sociais é a

má gestão da economia pelo PT.

Dilma comentou na tarde de ontem, em rápida entrevista concedida num hotel em São Paulo, o editorial. Ela disse ser direito das publicações deixar claro aos leitores seu posicionamento, mas ressaltou que a revista britânica tem ligação com o sistema financeiro internacional. “Eu

PARA LEMBRAR

Do crédito ao descrédito



A revista britânica *The Economist* dedicou, nos últimos anos, duas capas icônicas – e antagônicas – em sua edição para a América Latina à economia brasileira com a imagem do Cristo Redentor. A primeira delas foi em novembro de 2009, quando o cartão-postal carioca foi mostrado subindo como um foguete pelo céu sob o título “Brasil decola”. O conteúdo celebrava a solidez da economia brasileira e as oportunidades de investimentos que o País oferecia. Já a edição de setembro de 2013, com o Cristo sem controle em looping pelo ar, mostrava um Brasil da estagnação, da complexa carga tributária, do baixo investimento em infraestrutura, da inflação persistente, do custo trabalhista, entre outros poréns.

acho que as revistas do mundo inteiro, tanto as nacionais quanto as internacionais, têm todo direito de tomar sua posição política e levá-la ao conhecimento de seus leitores”, disse Dilma. “Agora, sei qual é a filiação da *The Economist*, todo mundo sabe. Ela é uma revista muito ligada ao sistema financeiro internacional.”